



AEDOS Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

**A crônica medieval e as crônicas do século XVI:
possibilidades de um gênero histórico no ensino de História Medieval
na educação básica**

**The Medieval Chronicle and the Chronicles of the 16th Century:
Possibilities of a Historical Gender in the Teaching of Medieval History
in the Basic Education**

Luciano José Vianna¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos algumas possibilidades sobre as crônicas do século XVI no ensino de História Medieval na educação básica, utilizando as mesmas como objetos que contém diversas marcas do pensamento historiográfico deste período histórico, uma vez que apresentam alguns aspectos de continuidade com o Medievo. Para isso, abordamos alguns aspectos, tais como, o estudo sobre o Medievo no Brasil, a especificidade do século XVI nos territórios americanos e a utilização deste gênero histórico como um dos primeiros produtos culturais utilizados para textualizar a experiência europeia no território americano. Como suporte bibliográfico (voltado para os aspectos teórico, metodológico, temático e de ensino de História), utilizamos os trabalhos de Weckmann (1993), Weckmann (1984), Fernandes (1999), Le Goff (2004), Le Goff (2015), Segal (1991), Guimarães (2012), Aurell (2013), Schmitd (2003), Bezerra (2016) e Macedo (2016). Neste sentido, consideramos que as crônicas do século XVI são objetos pelos quais se pode observar concepções de mundo, formas de escrita, modificações na percepção historiográfica e na escrita da história, relações de conflito entre grupos sociais e construção de identidades e, dessa forma, podem ser utilizados no ensino de História Medieval na educação básica.

Palavras-chave: Crônicas do século XVI, Ensino de História Medieval, Educação Básica.

Abstract: In this article, we present some possibilities about the chronicles of the sixteenth century in the teaching of Medieval History in the basic education, using the same as objects that contain several signals of the historiographical thought of this period, because present some aspects of continuity with the middle ages. For this, we make some commentaries about the study about the Middle Ages in Brazil, the specificity of the sixteenth century in the American territories, and the utilization of this historical gender as one of the firsts cultural products used for make a text about the European experience in the American territory. About the bibliography (theoretical, methodological, thematical, and about teaching of History), we used the follow works: Weckmann (1993), Weckmann (1984), Fernandes (1999), Le Goff (2004), Le Goff (2015), Segal (1991), Guimarães (2012), Aurell (2013), Schmitd (2003), Bezerra (2016) e Macedo (2016). In this sense, the chronicles of the sixteenth century are objects from which is possible to understand conceptions of world, forms of writing, modification in the historiographical perception and in the writing of History, conflictual relationship between social groups, and construction of identities and, in this way, could be utilized in the teaching of Medieval History in the Basic Education.

¹ Doutor em *Cultures en contacte a la Mediterrània* pela *Universitat Autònoma* de Barcelona (UAB). Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor Adjunto de História Medieval na Universidade de Pernambuco e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (UPE), *campus* Petrolina. Membro do *Institut d'Estudis Medievals* (UAB-IEM). Coordenador do *Spatio Serti* – Grupo de Estudos e Pesquisa em Medievalística. E-mail: luciano.jose.vianna@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Keywords: Chronicles of the 16th Century, Teaching of Medieval History, Basic Education.

1. Os estudos medievais no Brasil: entre a pesquisa e o ensino de História

Recentemente tivemos a oportunidade de fazer algumas reflexões sobre a contribuição do Medievalismo brasileiro a respeito do ensino de História Medieval a partir de uma abordagem bibliográfica considerando as produções das últimas décadas no Brasil. Assim, ao enfatizarmos a importância que o âmbito da pesquisa teve para o desenvolvimento do âmbito do ensino de História Medieval no Brasil, observamos algumas questões referentes ao desenvolvimento, interdisciplinaridade e vínculo desta temporalidade com os aspectos locais de nosso território. Em termos de ensino, um dos principais problemas relativos a esta temática é a falta de problematização do conteúdo a respeito do Medieval no ensino básico, o que muitas vezes provoca um estranhamento por parte dos alunos. Além disso, também destacamos a necessidade da cooperação constante entre as esferas do ensino e da pesquisa para o desenvolvimento do ensino de História Medieval no Brasil (VIANNA, 2017, p. 143-153).

No que diz respeito à interação entre ensino e pesquisa, ainda encontramos uma certa discrepância e afastamento entre estas duas esferas, o que dificulta o próprio desenvolvimento da disciplina em solo brasileiro. Um provável caminho para estabelecer este reconhecimento seria a abordagem de temas pertencentes à realidade local e que podem servir de vínculo com o conteúdo europeu, como as representações arquitetônicas, as propostas literárias (como o cordel) e até mesmo as produções cinematográficas, as quais serviriam como um vínculo entre o presente e o passado em termos de ensino de História Medieval.

Em todo caso, considerando o avanço que ocorreu nas últimas décadas, este desenvolvimento deve ser visto e compreendido a partir de um panorama amplo referente ao desenvolvimento da historiografia. Neste sentido, de acordo com José Rivair Macedo:

(...) desde pelo menos o princípio do século XX, as pesquisas acadêmicas sobre História Política, Social, Econômica e Cultural, as pesquisas no campo de Filologia e da Literatura, da Filosofia e das Artes têm demonstrado inúmeros traços originais da Europa durante a Idade Média, e tais pesquisas contribuíram decisivamente para reabilitar aquele período aos olhos dos estudiosos (MACEDO, 2016, p. 110).

Deve-se ressaltar que a cada vez maior presença da disciplina História Medieval nos currículos universitários brasileiros foi acompanhada pelo estabelecimento de um diálogo entre os diversos campos do saber com os quais os estudos medievais estabelecem um diálogo. Deve-se destacar, principalmente, que esta presença ocorreu a partir de uma mudança

relacionada à historiografia: na transição dos anos 70 para os anos 80 do século XX observou-se uma série de reflexões teóricas e metodológicas advindas da História Cultural, cuja principal proposta era o estabelecimento de uma perspectiva de diálogos interdisciplinares (COELHO, 2006, p. 29-33).

Gradativamente, a História Medieval tornou-se um componente disciplinar no contexto curricular brasileiro, o que significa que a mesma se transformou em um importante campo para a formação do historiador no Brasil, favorecendo uma melhor compreensão sobre o passado medieval mais próximo a nossa história, ou seja, o passado português (FIGUEIREDO NOGUEIRA, 2002, p. 291-297). Neste sentido, a relevância dos estudos medievais nos currículos escolares paulatinamente tornou-se evidente ao identificar, no período do Medievo, diversas continuidades com a nossa contemporaneidade.

O homem que chegou ao território americano era um homem pertencente ao Medievo – Jacques Le Goff já afirmara que Cristóvão Colombo era um homem da Idade Média (LE GOFF, 2015, p. 109) –, mais especificamente pertencente a um contexto final do Medievo, apresentando uma forma de pensamento distinta de outros períodos internos do Medievo. Muitas das características que encontramos nos últimos séculos do Medievo encontramos também nos primeiros séculos da chegada do homem europeu ao continente americano (BASCHET, 2006, p. 274-296):

Para nós, faz muito sentido compreender a formação dos povos ibéricos pois isso nos permite compreender melhor nossas características herdadas, parte de nosso modo de ser e de pensar. Tendo isso em mente, aliás, o ensino de História Medieval ganha outra dimensão. A ênfase no ensino de aspectos históricos da Península Ibérica teria muito mais propriedade educativa do que o ensino da História modelada na França ou na Inglaterra, pelo simples fato de pertencermos a um conjunto cultural específico, no caso, o ibero-americano. Ao tomar a Península Ibérica como núcleo gerador da consciência histórica a respeito da Idade Média, o ensino de História cumpriria melhor o seu papel de revelar aos estudantes aspectos de nosso passado que continuam a interagir com o presente (MACEDO, 2016, p. 116).

Neste sentido, e seguindo a proposta de José Rivair Macedo de repensar o ensino do Medievo no Brasil (MACEDO, 2016, p. 115-116), a proposta deste artigo é analisar as possibilidades que as crônicas do século XVI, ou seja, as primeiras manifestações escritas sobre os contatos estabelecidos por castelhanos e portugueses nas terras americanas, apresentam em termos de ensino de História.

2. A especificidade do século XVI nos territórios americanos

Diversos estudos trabalharam os contatos entre o contexto europeu e o contexto americano. Dentre eles, podemos citar os trabalhos de Weckmann (1984; 1983) e Jérôme Baschet (2006). Como afirmou Fernandes, “a própria expansão marítima, que ocasionou a descoberta do Novo Mundo, tem suas raízes solidamente vincadas na Idade Média.” (FERNANDES, 1999, p. 8).

Sabemos que o estabelecimento de periodizações na história foi uma perspectiva criada pelo homem, seja para identificar períodos a partir de uma determinada contemporaneidade – como o surgimento dos termos *media aetas*, *media antiquitas*, *media tempora* elaborados no contexto renascentista para se referir à Idade Média –, seja para estabelecer parâmetros didáticos com o intuito de facilitar o aprendizado no processo de ensino.

Entretanto, as reflexões sobre a periodização na História ainda são constantes. Ao observar os problemas voltados para o ensino de História, enfatizando, dentre as diversas funções do ensino, a transmissão da memória, André Segal abordou alguns problemas os aspectos da periodização especificamente no ensino de História Medieval. Sendo a periodização um ato de produção histórica, e o período histórico um produto deste ato, a História é vista como uma sucessão de períodos. Quando estudado desta forma, um período pré-estruturado tem a tendência a ser apresentado como um mundo fechado, sem conexões contextuais e temporais com outros exemplos. Tal abordagem promove uma grande dificuldade em se observar e destacar as continuidades entre determinados períodos, principalmente com a contemporaneidade. Dessa forma, o ensino realizado a partir de uma abordagem periódica, fechada e não dinâmica pode causar, no público de destino, um estranhamento total com o mesmo (SEGAL, 1991, p. 105-115).

Por outro lado, em uma de suas últimas reflexões, Le Goff, ao tentar “precisar o que é um verdadeiro período histórico” (LE GOFF, 2015, p. 124), indicou diversas continuidades entre o final do Medievo e o Renascimento, período este considerado pelo autor como um momento que “só marcou um último subperíodo de uma longa Idade Média” (LE GOFF, 2015, p. 131). Para o autor, o que deveria ocorrer é uma combinação entre continuidades e descontinuidades. Neste sentido:

Há, na longa duração, lugar para os períodos. O controle de um objeto vital, intelectual e ao mesmo tempo carnal, como pode ser a história, parece-me necessitar de uma combinação de continuidade e descontinuidade. É isso que a longa duração, associada à periodização, oferece. (...). A periodização é, assim, um campo maior de investigação e de reflexão para os historiadores contemporâneos. Graças a ela se

esclarece a maneira pela qual a humanidade se organiza e evolui na duração, no tempo (LE GOFF, 2015, p. 132, 134).

Portanto, se compreendermos o século XVI como um século de continuidades com o contexto anterior, consideraremos as crônicas produzidas neste século apresentando aspectos da escrita da história no Medieval, tanto em forma (material) quanto conteúdo (narrativa). Neste sentido, este seria, portanto, um dos primeiros gêneros históricos que foram produzidos para registrar a experiência europeia em seu contato com o mundo americano. Assim como foi utilizada para registrar a memória dos acontecimentos que marcaram o início deste contato, pode servir como fonte através da qual se poderá problematizar tal contato a partir do processo de ensino de História.

3. A crônica medieval e as crônicas do século XVI como objetos do ensino de História

O interesse que as crônicas medievais podem despertar em termos de estudo são diversos. De acordo com Marcella Lopes Guimarães:

Os interesses a que as crônicas respondem são diversos, o que eleva a importância dessa documentação para a elucidação dos modos de viver, de desejar ser visto, de pensar, de se relacionar com a tradição, com o passado e com o futuro. As crônicas narram histórias e tão importante quanto averiguar a sucessão de fatos e coteja-los com outros tipos de fontes, é analisar a maneira como o cronista narrou: seus juízos, interferências, interlocução, metáforas e natureza das compilações realizadas (GUIMARÃES, 2012, p. 74).

Observar a História como um processo implica em problematizar os temas que se constituíram através da ação humana, o que, de certa forma, ajuda a compreender como ocorreram as diversas interações do homem com o meio no qual estava presente e como estas interações se materializaram. A crônica medieval, como gênero histórico, faz parte desta materialização, pois a mesma é um fruto da interação historiográfica do homem com o seu contexto; no mesmo caminho, podemos afirmar que as crônicas do século XVI também são produtos da interação de castelhanos e portugueses com os territórios nos quais começaram a estabelecer contatos a partir do final do século XV.

As duas, portanto, a crônica medieval e as crônicas do século XVI, estão em uma situação igualitária no que corresponde ao formato e à forma de apresentar o conteúdo. Neste sentido, são objetos pelos quais se pode observar concepções de mundo, formas de escrita e conteúdo, modificações na percepção historiográfica e na escrita da história, relações entre grupos sociais, relações de conflito e construção de identidades, questões elaboradas a partir

de uma intrínseca e constante relação com o passado, o qual serviu de referência para os seus compositores.

Ao abordar os conteúdos e conceitos que podem ser utilizados no ensino de História, Holien Gonçalves Bezerra afirma que:

Assim, a História, concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado (BEZERRA, 2016, p. 44).

Portanto, as crônicas,² podem ser utilizadas no ensino de História como fontes históricas que pertencem a um determinado contexto, como fontes que foram utilizadas para representar uma visão de mundo e como fontes que apresentam percepções sociais e culturais referente a um determinado grupo social. Neste sentido, é necessário destacar que devem passar por uma problematização adequada em diversos níveis para que as informações que apresentam possam ser trabalhadas de forma adequada, inclusive para outros contextos territoriais (OLIVEIRA, 2011, p. 239-240).

As crônicas passaram por diferentes etapas de utilização em termos historiográficos (RUBIÉS e SALRACH, 1985-1986, p. 467-506). Entretanto, no começo do século XX, cada vez mais as mesmas foram analisadas a partir de um viés interdisciplinar, observando aspectos não somente textuais, mas também visuais e materiais. De certa forma, a renovação historiográfica que ocorreu a partir dos anos setenta do século passado proporcionou novos caminhos de análise metodológica de tais documentos (IGGERS, 2012). Os anos setenta do século XX podem ser considerados como o momento no qual a renovação historiográfica, interdisciplinar e metodológica do panorama histórico passou a influenciar cada vez mais os estudos sobre historiografia medieval, principalmente no sentido de destacar a sua particularidade e especificidade dentro de um panorama historiográfico mais amplo (AURELL, 2016). Tal cenário foi proporcionado por dois fatores. De um lado, o interesse na historiografia medieval, advindo principalmente de postulados de tendências historiográficas como o *New Medievalism* (BROWNLEE, BROWNLEE, NICHOLS, 1991, p. 1-26) a *New Philology* (WENZEL, 1990, p. 11-18; SPIEGEL, 1990, p. 59-86) e o *New Historicism*

² A partir de agora, utilizamos o termo “crônicas” para fazer referência tanto às crônicas medievais quanto às crônicas do século XVI.

(VEESER, 1989), possibilitaram uma abordagem interdisciplinar no estudo da historiografia medieval destacando a ênfase no contexto de produção, a atenção às práticas de escrita e de leitura e a melhor compreensão dos gêneros históricos produzidos no Medievo. Por outro lado, a utilização de procedimentos metodológicos voltados para a crítica textual, a bibliografia, a paleografia e a codicologia permitiu aos investigadores analisarem os objetos de estudo a partir da perspectiva dos seus leitores originais (CHARTIER, 1989, p. 1505-1520). Dessa forma, o avanço da teoria e da metodologia no campo dos estudos históricos sobre o Medievo proporcionou uma nova visão epistemológica e novas formas de abordagem dos seus objetos específicos, dentre eles o gênero histórico cronístico.

Considerando os últimos avanços teóricos e metodológicos com respeito às crônicas, tais objetos devem ser estudados a partir de três aspectos: como fonte que narra uma época, como fonte que faz parte da época em que foi composta e como artefato literário que deve ser entendido em sua forma e conteúdo (AURELL, 2013, p. 95-142). As crônicas devem ser abordadas a partir da perspectiva medieval, ou seja, como objetos de instrução moral e como artefatos nos quais se pode encontrar exemplos comportamentais (SPIEGEL, 1975, p. 314-325). Portanto, as crônicas do século XVI, herdeiras das crônicas dos séculos XII-XV, devem ser abordadas a partir desta mesma perspectiva, considerando-as principalmente como objetos compostos através de uma visão, ainda que *extramuros*, europeia.

Como comentamos anteriormente, o desenvolvimento da pesquisa sobre o âmbito medieval no território brasileiro cresceu no decorrer dos anos, o que influenciou diretamente no aumento da possibilidade do ensino de História relacionado a esta temática. Cada vez mais a preocupação dos docentes voltou-se para a busca por novos caminhos para o ensino, o que levou a novas elaborações teórico-metodológicas, criações de possibilidades e, principalmente, ampliou a visão sobre as intervenções que o professor poderia fazer em sala de aula no sentido de demonstrar para o aluno como a História é produzida. De forma geral, cada vez mais os historiadores consideraram que um bom aprendizado é aquele no qual tanto professores quanto alunos fazem trabalhos com fontes em sala de aula (SCHMITD, 2003, p. 219-238).

Entretanto, a distância entre o mundo escolar e o mundo universitário ainda é considerável, a ponto de José Rivair Macedo afirmar que “a Idade Média ensinada na escola, todavia, não é a Idade Média dos pesquisadores” (MACEDO, 2016, p. 112). Diante desta constatação, e para romper com esta dualidade, o autor apresenta diversas formas pelas quais o ensino de História Medieval pode ser desenvolvido em sala de aula, como o uso iconográfico, a abordagem cinematográfica e a comunicação eletrônica. Além disso, uma das

propostas apresentadas por Macedo refere-se ao fato de descolonizar o ensino de história, reconhecendo, deste modo, as identidades mantidas e que algumas vezes são deixadas em segundo plano, como o estudo sobre a formação do território medieval ibérico, o que ajudaria o ensino de História a cumprir melhor o seu objetivo, ou seja, o de “revelar aos estudantes aspectos de nosso passado que continuam a interagir com o presente” (MACEDO, 2016, p. 116). Neste sentido, a utilização das crônicas do século XVI em sala de aula serviria justamente como uma ponte para a abordagem da perspectiva medieval em seus primeiros contatos com o mundo americano.

As crônicas têm sido utilizadas como fontes documentais em pesquisas realizadas no território brasileiro, como podemos observar através das informações presentes no artigo de Marcella Lopes Guimarães publicado em 2012. Neste artigo, ao analisar os trabalhos publicados na *Signum* – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), assim como nas atas do *Encontro Internacional de Estudos Medievais* (EIEM), Guimarães observou uma preponderância dos estudos voltados para a cronística ibérica medieval, demonstrando, portanto, que o estudo deste gênero histórico está presente na produção medievalística brasileira. Assim, ao apresentar os principais estudos sobre este gênero histórico produzidos no Brasil, Guimarães destaca que o mesmo apresenta “existência e representatividade” no contexto brasileiro e formula a hipótese de que o aumento deste interesse esteja relacionado aos estudos sobre narrativa (GUIMARÃES, 2012, p. 67-78), pois as crônicas:

(...) são uma das realizações da narrativa e abrem possibilidades de perspectivação do real bastante importantes, no sentido do encadeamento dos fatos e da narração em si, ou seja, neste caso, do olhar do narrador, que emite juízos para a elucidação do que passou e de como isso se deu (GUIMARÃES, 2012, p. 67-78).

Retomando a afirmação que fizemos anteriormente, vale ressaltar que uma das primeiras produções historiográficas realizadas pelos homens europeus que chegaram às terras americanas foi a composição de documentos conhecidos posteriormente como crônicas do século XVI, produzidas tanto no âmbito da América espanhola quanto no âmbito da América portuguesa. Assim, a partir das mesmas, é possível observar as primeiras inscrições, a partir de uma perspectiva europeia, não somente sobre um mundo até então desconhecido (a partir de um viés europeu), mas também sobre a bagagem cultural existente entre os homens medievais.

Seguindo esta linha de pensamento, a utilização das crônicas do século XVI no ensino de História estaria de acordo com a perspectiva de abordagem da História como um processo histórico, visto como um conjunto de comportamentos interligados, e que, no caso de tais objetos, serviriam para compreender um longo processo que se desenvolveu em terras americanas:

Na verdade, o passado humano não é uma agregação de ações separadas, mas um conjunto de comportamentos intimamente interligados, que têm uma razão de ser, ainda que na maioria das vezes imperceptível para nossos olhos. O processo histórico constitui-se dessas práticas, ordenadas e estruturadas de maneiras racionais. (...). Os registros ou as evidências da luta dos agentes históricos são o ponto de partida para entendermos os processos históricos (BEZERRA, 2016, p. 43).

As crônicas do século XVI foram elaboradas em um contexto cuja principal característica foi representada pelo contato entre dois mundos distintos (GRUZINSKI, 2003), pela expansão de uma sociedade através de diversas navegações e conquistas (RAMINELLI, 2013) e pela transposição de instituições europeias para as terras americanas (ELLIOTT, 1998, p. 296-309) e, portanto, são fontes que não somente mantêm um vínculo com o passado medieval em sua forma, ou seja, são semelhantes às crônicas compostas entre os séculos XII-XV, mas também apresentam um conteúdo direcionado à novidade com a qual estes homens se depararam, interpretando-a de acordo com as suas noções de mundo.

O homem que saiu da Europa e chegou ao continente americano trazia consigo uma bagagem cultural construída a partir de suas experiências anteriores. Neste sentido, ao analisar os documentos produzidos por estes homens, devemos considerar esta bagagem cultural que estava presente e que, de certa forma, foi textualizada nestes produtos culturais. Esta atitude é denominada por Peter Burke como “tradução cultural”, ou seja, a tradução de uma cultura através da interpretação com base em conhecimentos já adquiridos, interpretando as novas experiências a partir de uma bagagem informacional já existente e traduzindo estas novas experiências em termos explicáveis (BURKE, 2010, p. 106). E é justamente através da desconstrução destas formulações que conseguimos localizar os aspectos de continuidade com o Medievo nos produtos culturais elaborados por estes homens, ou seja, as crônicas do século XVI.

El término “traducción” ofrece dos ventajas. En primer lugar resalta la importancia de la labor que deben realizar los grupos e individuos para hacerse con lo ajeno y da cierta idea sobre las tácticas y estrategias que pueden emplear. En segundo lugar es un termino neutro, asociado al relativismo cultural. De hecho, ésta fue una de las razones por las que gustó a los antropólogos (BURKE, 2010, p. 107-108).

Um exemplo deste aspecto de continuidade é a presença de elementos voltados para o contexto simbólico mental medieval, em especial voltados para o contexto medieval peninsular ibérico inserido no que é conhecido como Reconquista. É certo que o homem do século XVI interpretou sua chegada ao continente americano em termos de continuidade com um processo que já estava em desenvolvimento na Península Ibérica séculos antes, ou seja, a Reconquista, e que deixou seu reflexo em diversos aspectos. Podemos observar tal continuidade através da materialização do personagem conhecido como *Santiago Mataindios* nas terras americanas, considerado como uma modificação de *Santiago Matamoros* (personagem que pertencia a um contexto de Reconquista na Península Ibérica), ou seja, um resultado da materialização, adaptada, das práticas medievais às situações encontradas no continente americano. Como afirma Domínguez García comentando sobre a crônica de Gómara:

No cabe duda de que la presencia de *Santiago Mataindios* en las primeras batallas de la conquista haciendo estragos entre los ejércitos indígenas fue, para Gómara y la mayoría de los cronistas españoles, una manera de dar ánimos y fuerza a las tropas cristianas. (...). Esta nostalgia por la recuperación de la identidad medieval se proyecta en América al encontrar allí un fundamento religioso que, mediante la simbología santiaguista, tan presente en las primeras crónicas de los conquistadores, intenta incluir los nuevos espacios del continente americano dentro de la cosmogonía cristiana medieval (DOMÍNGUEZ GARCÍA, 2009, p. 82).

Dessa forma, uma vez delineadas os conteúdos que as crônicas do século XVI apresentam, principalmente a partir de um viés interativo entre dois mundos distintos elaborados a partir de uma visão europeia de mundo, apresentaremos algumas possibilidades da utilização deste gênero histórico no processo de ensino de História.

4. Possíveis caminhos para a utilização das crônicas no ensino de História

O que comentamos nos tópicos anteriores vincula-se ao desenvolvimento historiográfico e como este influenciou o surgimento de novas abordagens voltadas para o ensino de História Medieval, destacando a necessidade da relação entre a pesquisa e o ensino de História, a especificidade do século XVI no território americano e as crônicas como fontes que podem ser utilizadas em termos de ensino de História.

No presente tópico, e considerando os aspectos que já foram destacados nas páginas anteriores, nosso objetivo é esboçar algumas possibilidades de utilização destas fontes no

ensino de História. Desde já destacamos que não se trata de uma proposta exaustiva e que poderá ser ampliada em reflexões posteriores.

4.1. A historiografia medieval: uma forma específica de escrita da história

Em relação a este aspecto devemos, em primeiro lugar, reconhecer o lugar, a especificidade e a importância da historiografia medieval. Nas últimas décadas, suas características fizeram com que se destacasse no cenário historiográfico como um campo delimitado e específico de estudos, apresentando diversos gêneros históricos os quais foram compostos durante o Medievo, tais como os anais, as genealogias, as crônicas, as biografias e as autobiografias. Ademais, é imprescindível, para se compreender corretamente a historiografia medieval, a superação de algumas concepções, advindas de séculos anteriores, e também considerar este campo de estudos como apresentando um valor em si mesmo. Portanto, os gêneros históricos pertencentes à historiografia medieval merecem uma atenção metodológica específica principalmente devido a sua tripla dimensão textual, ou seja, por serem considerados como fontes históricas que se referem ao período que estão narrando, por serem considerados como fontes históricas que apresentam uma relação direta com o contexto no qual se está narrando e também por serem compreendidos como artefatos literários que apresentam características de forma e de conteúdo específicas (AURELL, 2013, p. 95-142).

O trabalho com fontes históricas está vinculado à construção do conhecimento histórico e, portanto, as mesmas devem receber um tratamento adequado de acordo com a sua natureza histórica, não somente em termos de pesquisa, mas também no que diz respeito ao ensino de História. Ou seja, ao se utilizar uma fonte histórica em sala de aula o professor deve situá-la em seu contexto histórico de composição, analisar a sua forma e conteúdo e também a sua perspectiva historiográfica, de forma que o aluno possa compreender sua especificidade e importância como manifestação cultural em dado contexto.

Uma das possibilidades de se trabalhar com crônicas no ensino de História é a abordagem da escrita da História vinculada a determinados contextos. Existem diversas possibilidades, como, por exemplo, analisar a forma de escrita relacionando-a ao conteúdo do documento para auxiliar ao aluno na compreensão da historicidade das fontes primárias e suas formas específicas de forma e conteúdo. Outra possibilidade é destacar a presença constante das referências religiosas e simbólicas nas narrativas das mesmas com o objetivo de fazer com que o aluno compreenda que desde os primeiros momentos da chegada do homem europeu ao

continente americano houve uma tendência a abordar assuntos voltados para a religião cristã, inclusive quando este homem medieval iniciou a modificação do território de acordo com a sua experiência anterior, ou seja, ao nomear diversos topônimos com nomes pertencentes a uma cultura cristã ocidental. Neste sentido, trabalhar com as crônicas do século XVI destacando os topônimos que se encontram nas mesmas, inclusive identificando de forma visual tais topônimos em mapas, poderia facilitar o processo de compreensão por parte dos alunos em relação ao processo de ensino de História. O próprio nome dado ao território como “Província de Santa Cruz”, poderia ser problematizado explicando o fator religioso presente no comportamento destes homens ou o significado da “continuidade” do processo de Reconquista durante os séculos XVI e XVII no território americano, como comentamos anteriormente quando nos referimos à transformação de *Santiago Matamoros* para *Santiago Mataindios*, comentado no livro de Domínguez García ao se referir à crônica de Gómara.

4.2. As crônicas do século XVI e a noção de tempo histórico

Sobre as crônicas compostas durante o século XVI no contexto castelhano e português, as mesmas apresentam visões de mundo dos seus autores, as quais devem ser recuperadas e comentadas em um processo de ensino de História. Neste sentido, problematizar as informações que são encontradas nas crônicas do século XVI, tanto no que se refere a sua forma e conteúdo, assim como a perspectiva historiográfica da época, auxilia na compreensão do tempo histórico e das temporalidades históricas. Por exemplo, trabalhar com as crônicas do século XVI considerando-as como manifestações historiográficas advindas da perspectiva europeia, implica também, *inversamente*, em reconhecer um mundo local existente *antes* da chegada do homem europeu ao continente americano, rompendo com a ideia errônea, muitas vezes presente em termos de ensino de História na educação básica, de que a história local surgiu com a chegada europeia neste território:

Uma rápida consulta aos livros didáticos destinados ao que hoje se chama ‘ensino médio’ – de onde saem nossos universitários – denuncia talvez o adversário mais resistente dos estudos medievais no Brasil: para a maioria incontestemente do público medianamente culto, nossa história começa no século XVI, com Pedro Álvares Cabral e o ‘achamento’ do Brasil, com a era das Navegações. Este é o prato oferecido à degustação nas escolas, inclusive pelas obras paradidáticas, publicadas pelas principais editoras do país.” (MONGELLI, 2001, 149).

Neste sentido, de acordo com Bezerra:

A dimensão da temporalidade é considerada uma das categorias centrais do conhecimento histórico. Não se trata de insistir nas definições dos diversos significados de tempo, mas de levar o aluno a perceber as diversas temporalidades no decorrer da História e ter claro sua importância nas formas de organização social e seus conflitos. Sendo um produto cultural forjado pelas necessidades concretas das sociedades, historicamente situadas, o tempo representa um conjunto complexo de vivências humanas. Daí a necessidade de relativizar as diferentes concepções de tempo e as periodizações propostas; de situar os acontecimentos históricos nos seus respectivos tempos. O conceito de tempo supõe também que se estabeleçam relações entre continuidade e ruptura, permanências e mudanças/transformações, sucessão e simultaneidade, o antes-agora-depois (BEZERRA, 2013, p. 44-45).

O trabalho com a perspectiva de tempo e temporalidade histórica, a partir dos conteúdos das crônicas do século XVI, problematizados em sala de aula, levaria o aluno a perceber as diversas temporalidades que surgiram no decorrer da História, uma vez que o estudo deste objeto serviria para enfatizar a noção de tempo histórico existente no contexto americano antes da presença gradativa de portugueses e castelhanos no território. Neste sentido, trabalhar-se-ia com as crônicas do século XVI como produtos europeus e que pertenciam a uma cultura especificamente europeia, e com isso seria enfatizado o conhecimento de um mundo local existente anteriormente a este contato.

4.3. As crônicas do século XVI: instrumento de crítica a uma representação narrativa

Durante séculos, a sociedade medieval se estruturou socialmente de forma oposicionista: clérigos/leigos, letrados/iletrados, nobres/não nobres, vida rural/vida urbana, senhores/vassallos, senhores/servos, entre outros. A cristandade que passou a existir a partir do século XIII estava estabelecida de forma territorial e dogmática e cada vez mais considerava, como seus opositores, aqueles que não comungavam com os seus interesses, tais como os hereges, os infiéis e os marginalizados, mesmo que estes fossem necessários à manutenção do *status quo* fundamentado na existência do universo como um ordenamento (IOGNA-PRAT, 2002, p. 305-319).

Tal perspectiva opositora se manifestou nas narrativas das crônicas do século XVI, quando analisamos a *Crônica de la Nueva España* de Francisco Cervantes de Salazar, onde o primeiro contato entre castelhanos e indígenas na chegada daqueles à costa da Nova Espanha foi marcado pela violência (CERVANTES DE SALAZAR, 1501-1600). Trata de uma oposição social: “nós” e “eles”. Portanto, o homem que aqui chegou no século XVI também representou esta oposição em termos documentais, estabelecendo os locais que encontraram como parte do mundo representativo cristão (como a ideia de Paraíso), e muitas das vezes,

também, considerando os nativos como os novos infiéis que deveriam ser convertidos para a cristandade (GRUZINSKI, 2003).

Entretanto, muitas vezes a perspectiva dualista em termos documentais refere-se muito mais a uma formulação do próprio autor (seja ela política, imaginária, etc...) do que uma visão social propriamente dita e, portanto, deve ser problematizada. Uma das formas pelas quais esta perspectiva dualista pode ser desconstruída, demonstrando para o aluno a constante interação social que ocorreu em termos de Península Ibérica, é abordar a composição social deste território, compreendendo a formação dos povos ibéricos, fato já destacado por José Rivair Macedo (MACEDO, 2016, p. 114-117).

Por exemplo, durante o Medievo peninsular ibérico houve uma constante formulação e reformulação de identidade, principalmente em um território com uma formação social ampla (CATLOS, 2010) e com a presença de mulçumanos em meio a um território cristão e cristãos em meio a um território muçulmano, como foi o caso dos *moçárabes* e dos *mudéjares* (GLICK, 1997). Neste caso, a utilização crítica de uma crônica do século XVI em termos de ensino de História ajudaria a diluir esta visão simplista e opositora que muitas das vezes é transmitida em sala de aula, levando ao aluno a construir uma visão crítica, ampla e múltipla em termos de formulação de identidades sociais.

Conclusão

A partir do final do século XV, e a partir de uma perspectiva europeia, os diversos homens que chegaram às terras americanas trouxeram consigo formas de pensamento que podem ser entendidas em termos medievais. Uma das primeiras materializações historiográficas destas formas de pensar foram as crônicas do século XVI, as quais representam um dos primeiros momentos de experiência entre os habitantes do mundo medieval e os habitantes do mundo americano.

As crônicas do século XVI apresentam uma forma específica de escrita da História, onde uma longa experiência histórica do homem do final do Medievo, compositor destes objetos, coincidiu com um contexto de experiência e contato com o novo, onde, muitas vezes, este novo foi, de certa forma, adaptado e compreendido de acordo com a forma de pensamento do personagem que compôs o documento. Neste sentido, as propostas que foram apresentadas neste artigo giram em torno da especificidade da escrita da história na qual as crônicas do século XVI se inserem, a própria noção de tempo histórico e também a

possibilidade de uma crítica a uma representação narrativa que muitas vezes distorce o real adaptando-o a concepções mentais de mundo.

Tais objetos já obtiveram o reconhecimento a partir de um campo de pesquisa específico (historiografia medieval) e, portanto, podem servir como referência em uma abordagem voltada para o conteúdo de ensino de História, desde que, é claro, sejam abordados de forma adequada, como foi comentado anteriormente. Uma das principais abordagens que poderia ser feita ao se utilizar tais objetos seria justamente romper com a ideia de barreira didática que muitas das vezes se refletem em termos de materiais didáticos utilizados no processo de ensino de História.

As propostas aqui apresentadas são frutos de reflexões iniciais sobre diversos temas interligados, tais como a pesquisa sobre o Medievo desenvolvida no território brasileiro, o vínculo necessário e imprescindível entre a pesquisa e o ensino de História Medieval, a utilização das crônicas medievais no âmbito da pesquisa e do ensino de História e as possibilidades do uso das crônicas do século XVI no ensino de História.

Como pode ser observado, mesmo podendo traçar alguns prováveis caminhos pelos quais seria possível trabalhar com esta documentação em sala de aula, ainda persistem alguns desafios para a realização do mesmo, não somente em termos de conhecimento da historiografia medieval e seus gêneros históricos, mas também, e principalmente, em realizar um trabalho adequado, tanto em termos de pesquisa quanto de ensino. De todas as formas, o desenvolvimento do ensino de História sobre o Medievo está cada vez mais em voga em diversas produções realizadas em nosso território, o que demonstra não somente que o olhar para o mesmo se modificou, mas também que deve ser uma preocupação constante de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino.

Referências

Fontes

CERVANTES DE SALAZAR, Francisco. *Crónica de la Nueva España, su descripción, la calidad y temple de ella, la propiedad y naturaleza de los indios*. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000043290>. Acessado em 30 jun 2019.

Bibliografia

AURELL, Jaume. *La historiografía medieval. Entre la historia y la literatura*. València: Publicacions Universitat de València, 2016.

- AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. In: *Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico* (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 95-142.
- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2016, p. 37-48.
- BROWNLEE, Kevin; BROWNLEE, Marina S.; NICHOLS, Stephen G. (Orgs.). *The New Medievalism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991, p. 1-26.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Madrid: Akal, 2010.
- CATLOS, Brian A. *Vencedores y vencidos. Cristianos y musulmanes de Cataluña y Aragón, 1050-1300*. València: Publicacions Universitat de València, 2010.
- CHARTIER, Roger. Le monde comme représentation. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Vol. 44, Núm. 6, p. 1505-1520, 1989.
- COELHO, Maria Filomena. Breves reflexões acerca da História Medieval no Brasil. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). *Semana de Estudos Medievais*, 6, 2005, Rio de Janeiro. *Atas da VI Semana de Estudos Medievais do PEM*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006, p. 29-33.
- DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. *De apóstol matamoros a Yllapa mataíndios: dogmas e ideologías medievales en el (des)cubrimiento de América*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2009.
- ELLIOTT, John H. A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. Vol. I. São Paulo. Edusp, 1998, p. 296-309.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. Reflexões sobre o Estudo da Idade Média. *VIDETUR*, Vol. 6, p. 7-14, 1999.
- FIGUEIREDO NOGUEIRA, Carlos Roberto. Os estudos medievais no Brasil de hoje. *Medievalismo*, Núm. 12, p. 291-297, 2002.
- GLICK, Thomas F. *Cristianos y musulmanes en la España Medieval (711-1250)*. Barcelona: Altaya, 1997.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do Imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Núm. 2, p. 67-78, 2012.

- IGGERS, Georg G. *La historiografía del siglo XX. Desde la objetividad científica al desafío posmoderno*. Chile: FCE, 2012.
- IOGNA-PRAT, Dominique. Ordem. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (eds.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 305-319.
- LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *Un long Moyen Âge*. Paris: Tallandier Éditions, 2004.
- MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2016, p. 109-125.
- MONGELLI, Lenia Márcia de Medeiros. A quem se destinam os estudos medievais no Brasil? In: MALEVAL, M. A. T. (Org.). Encontro Internacional de Estudos Medievais, 3, 1999, Rio de Janeiro. *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001, p. 146-154.
- OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. As crônicas coloniais no ensino de História da América. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 2, p. 235-252, jul./dez. 2011.
- RAMINELLI, Ronald. *A era das conquistas. América espanhola, séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- RUBIÉS, Joan Pau i SALRACH, Josep M. Entorn de la mentalitat i la ideologia del bloc de poder feudal a través de la historiografia medieval fins a Les Quatre Grans Cròniques. In: PORTELA I COMAS, Jaume (org.). *La formació i expansió del feudalisme català*. Actes del col·loqui organitzat pel Col·legi Universitari de Girona (8-11 de Gener de 1985). Revista del Col·legi Universitari de Girona. Universitat Autònoma de Barcelona. 1985-1986, p. 467-506.
- SCHMITD, Maria Auxiliadora e GARCIA, Tânia Braga. O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*, Vol. 9, p. 219-238, 2003.
- SEGAL, André. Periodisation et didactique: le ‘moyen age’ comme obstacle à l’intelligence des origines de l’Occident. In: *Périodes de la construction du temps historique. Actes du Colloque d’Histoire au présent*. Paris: Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1991, p. 105-115.
- SPIEGEL, Gabrielle M. History, Historicism and the Social Logic of the Text. *Speculum*, Núm. 65, Vol. 1, p. 59-86, 1990.
- SPIEGEL, Gabrielle M. Political Utility in Medieval Historiography: a Sketch. *History and Theory*, Núm. 14, Vol. 3, p. 314-325, 1975.
- VEESER, H. Aram. *The New Historicism*. New York/London: Routledge, 1989.

VIANNA, Luciano J. O medievalismo brasileiro e a sua contribuição para o ensino de História Medieval: uma abordagem bibliográfica. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. (Org.). *Canteiro de Histórias: textos sobre aprendizagem histórica*. Rio de Janeiro: Sobreontens, 2017, p. 143-153.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México: Fondo de Cultura Económica – El Colegio de México, 1984.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval del Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica – El Colegio de Mexico, 1993.

WENZEL, Siegfried. Reflections on (New) Philology. *Speculum*, Núm. 65, Vol. 1, p. 11-18, 1990.